

ORALIDADE EM ANDÓCIDES: UM ESTUDO SOBRE O PRESENTE NARRATIVO

Aluna: Camila de Freitas Alves¹

Orientadora: Sandra Lúcia R. da Rocha²

Resumo:

Andócides foi um orador político do século V a.C. que pronunciou poucos discursos diante da assembleia ateniense, e a falta de uma educação formal em retórica lhe conferiu uma má reputação como orador entre os antigos. Atualmente, entretanto, sua prosa é considerada muito valiosa, pois seus discursos retratam a língua grega com a fluência oral da época. Considerando sua formação e o contexto social de letramento em que estava inserido, esta comunicação analisa o uso do Presente Narrativo em seu discurso *Sobre os mistérios*. Pretende-se explicar por que o uso desse tempo verbal pode ser considerado uma marca de oralidade na escrita por meio de teorias semânticas discursivas. O uso do referido tempo mostra que as marcas de oralidade no discurso de Andócides são uma forma de autoinserção do autor na narrativa de forma a chamar a atenção da audiência para fatos isolados. De uma perspectiva linguística, o uso do Presente Narrativo pode estar associado aos discursos que foram escritos para serem proclamados, levando-se em conta a distinção entre o estilo dos discursos escritos para serem lidos (*γραφική λέξις*), como os do gênero epidêitico, e dos discursos escritos para serem pronunciados diante de uma assembleia ou tribunal (*ἀγωνιστική λέξις*), característica dos gêneros judicial e deliberativo postulados por Aristóteles.

Palavras-chave: retórica; Presente Narrativo; teorias semânticas discursivas; estilo escrito; estilo oral.

¹ Aluna de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL) na Universidade de Brasília (UnB).

² Professora de Língua e Literatura Gregas da Universidade de Brasília (UnB).

³ Logógrafo e *rhetor* eram duas profissões comuns da Grécia Clássica. Logógrafo era o nome que se dava ao profissional que escrevia discursos e *rhetor* é um termo que possui diversos significados ao longo do tempo, mas nesta análise, especificamente, refere-se aos oradores públicos, que posteriormente se tornaram professores de retórica e oratória.

⁴ Nem sempre o estilo de Andócides agradou os críticos. Na antiguidade, possuía uma reputação bastante desprestigiada, dotado de um estilo ultrapassado, fora do modelo de oratória ática, e por vezes criticado em tentar ser *πολιτικὸς ῥήτωρ*. Até o século XVIII, era considerado pelos estudiosos um “amador”, porém, hoje, a prosa de

Andócides foi um orador político que nasceu por volta de 440 a.C. que, aparentemente, não teve um estudo formal e aprendeu oratória provavelmente por meio do contato com sofistas de sua época ou com seus familiares, já que estes eram conhecidos pela longa trajetória política e participações ativas em diversas expedições e embaixadas na Grécia. Portanto, Andócides não foi um logógrafo ou um *rhetor*³, porém sua oratória era extremamente hábil, o que lhe conferiu um lugar entre os dez maiores oradores áticos⁴.

Andócides ingressou na vida política aproximadamente aos vinte anos, em 415 a.C., quando tomou parte nas *ἐταιρείαι*, um grupo de jovens aristocratas, de cunho político e com ideias oligárquicas, que em 415 a.C. fora o responsável pela mutilação das estátuas de Hermes⁵ e, em 411 a.C., participou da tentativa de derrubar a democracia. Nos anos seguintes, acredita-se que Andócides tenha participado ativamente da vida pública de Atenas, já que em 392/1 a.C. foi um dos membros da embaixada de paz à Esparta na tentativa de reconciliá-la com Atenas. Após esta data, não se tem mais registros sobre a vida do orador.

Até nós chegaram apenas quatro discursos de Andócides: *Sobre seu retorno* (409 a.C.), *Sobre os Mistérios* (400 a.C.), *Sobre a paz com Esparta* (392 a.C.) e *Contra Alcibíades* (415 a.C.). Juntos, esses discursos compõem a maior fonte biográfica de Andócides atualmente e estão entre os mais antigos do gênero retórico; neles podem ser encontradas diversas evidências históricas do período clássico na Grécia, além de aspectos culturais e sociais de Atenas, dialogando com grandes autores como Tucídides e Xenofonte (EDWARDS, 1995).

Este artigo pretende identificar marcas de oralidade presentes no discurso *Sobre os Mistérios* de Andócides por meio da troca repentina de tempos verbais ao longo do tratado, levando em conta o contexto histórico no qual o autor estava inserido e a fluência oral de seu estilo retórico. Para tanto, serão utilizadas teorias semânticas discursivas como suporte para análise e interpretação dos dados.

O discurso *Sobre os Mistérios* foi pronunciado pelo próprio Andócides como sua defesa contra as acusações que sofreu em 415 a.C. pela profanação dos Mistérios de Elêusis⁶ e pela mutilação dos Hermes. Durante os acontecimentos, houve uma intensa investigação, o que resultou na prisão de Andócides. Para garantir sua imunidade, tornou-se um dos informantes do caso. Porém, seus direitos foram revogados pelo decreto de Isotímides⁷, que baniu aqueles que cometessem algum crime e confessassem de frequentarem os templos e a ágora de Atenas.

Diante disso, ele partiu para o exílio e, após duas tentativas fracassadas de retornar à cidade (em 411 e 409 a.C.), Andócides, em 403 a.C., reconquistou a cidadania ateniense e construiu uma carreira política, mas logo depois, em 400 a.C., foi a julgamento por violar o decreto de Isotímides e nesta ocasião proclamou esse discurso. O apelo convenceu a audiência e ele garantiu seus direitos e sua permanência em Atenas.

A partir das informações do discurso que é objeto deste estudo, a análise procederá da seguinte forma: primeiramente, serão definidas as características do discurso judicial do período clássico, segundo a retórica aristotélica, a fim de se observar em que grau está a formalidade do discurso em questão. A partir deste ponto, será determinada a metodologia de análise e será realizada a investigação dos dados coletados, bem como sua descrição e as circunstâncias em que aparecem com o auxílio das teorias semânticas do discurso. Os resultados deste estudo apontarão para estruturas léxico-gramaticais que marcam a oralidade presente no discurso de Andócides com relação à troca repentina de tempos verbais.

Aristóteles discorre sobre as partes necessárias de um discurso na *Retórica*, que são: *πρόθεσις* (tema) e *πίστις* (argumento). Alguns discursos podem apresentar ainda outras partes como o proêmio e o epílogo. Os tipos de retórica postulados por ele são três, *συμβουλευτικόν* (deliberativa), *δικανικόν* (judicial) e *ἐπιδεικτικόν* (epidêitica). Para cada tipo de retórica há uma configuração e propósitos específicos (*Rhet.* 1. 1-3, 1354a-1359a).

Andócides é muito valiosa, pois seus discursos retratam a língua grega com a fluência oral do século V e início do século IV a.C., justamente pelo fato de ele falar em público apenas quando necessário, pela falta de treino, pela

despreocupação com a forma e, principalmente, com a readaptação dos discursos para os leitores. (EDWARDS, 1995).

⁵ Na mitologia, Hermes era considerado o deus dos viajantes. Em Atenas, as estátuas de Hermes ficavam nas portas das casas para simbolizar boa sorte. A mutilação das estátuas causou grande tensão e pânico na cidade e os cidadãos atribuíram este acontecimento como a causa do fracasso da expedição à Sicília em 411 a.C.

⁶ Os Mistérios de Elêusis era um ritual público com ênfase na revelação e salvação pessoal (JONES, 1997).

⁷ O decreto de Isotímides baniu aqueles que cometessem algum crime e confessassem de frequentarem os templos e a ágora de Atenas. Acreditava-se que o decreto tinha sido feito especialmente para Andócides, (Lys. 6. 9, 29).

Este trabalho aborda apenas o gênero judicial, dada a natureza do texto que é objeto desta investigação. Há dois tópicos possíveis para o gênero em questão, *κατηγορία* (acusação) ou *ἀπολογία* (defesa) (*Rhet.* 1. 10, 1368b). O texto de Andócides é uma autodefesa e a acusação foi feita por Lísias em seu discurso *Contra Andócides*. O proêmio deve conter o argumento para esclarecer à audiência qual é o propósito do discurso e para situá-la (*Rhet.* 3. 14, 1414b). A narrativa deve durar o tempo necessário, porém a do acusado deve ser menor. Deve ser escrita no tempo passado, a menos que seja dramatizada, e tem de indicar o caráter de todas as partes. Esta parte também pode contar com um interrogatório, se for necessário (*Rhet.* 3. 16, 1417a-b).

Quanto às *písteis* no julgamento, estas podem ser: Leis (escritas e não escritas), Testemunhas (antigas e conhecidas, oráculos, provérbios ou recentes e conhecidas), Contratos (válidos ou inválidos), Torturas (testemunho de escravos) e Juramentos (dar ou fazê-los). Neste tipo de retórica, o orador pode optar por dois fechamentos, o justo ou o injusto (*Rhet.* 1. 15, 1375b- 1377b). Por fim, o epílogo tem a função de colocar o ouvinte favorável ao orador e contra o oponente. Ele deve utilizar *písteis* de amplificação ou minimização, provocar reações emocionais no ouvinte e retomar os pontos principais dos argumentos (*Rhet.* 3. 19, 1419b-1420b).

A partir dessa revisão da retórica de Aristóteles, foi feita uma análise do discurso de Andócides, que procede da seguinte forma: a primeira parte, que compreende os capítulos de um

a dez, contém o proêmio ou introdução, no qual o orador faz um apelo à audiência para que o ouça com boa vontade e designa a ordem em que discutirá cada argumento. A Narrativa inicia-se com o capítulo 11 e termina com o capítulo 139. De 11 a 33, Andócides trata da profanação dos mistérios de Elêusis; de 34 a 70, sobre a mutilação dos Hermes; de 71 a 91, dos aspectos legais, isto inclui argumentos sobre injustiça, decretos, leis, exílio e juramentos; de 92 a 102, o orador descreve a posição da acusação ante o caso; de 103 a 109, trata da anistia; de 110 a 136 ele acusa Cálias e Agírios e, de 137 a 139, trata de sua própria defesa. No epílogo, que compreende os capítulos 140 a 150, Andócides apela para a generosidade de Atenas, enfatiza os serviços prestados por seus ancestrais, os benefícios que a cidade terá se admiti-lo novamente como cidadão e um breve apelo final.

Apenas por essa análise inicial do discurso do orador, pode-se perceber que sua oratória era bem elaborada, apesar de, como dito anteriormente, não se ter registro de que ele tenha estudado retórica formalmente. Percebe-se o uso de *pisteis* típicas do discurso judicial, além do respeito à forma do texto e suas partes. Apesar de seu estilo natural, isto é, a despreocupação com a estética do texto, se comparada a oratória de Lísias, Demóstenes ou Górgias, a de Andócides é cuidadosamente construída no sentido de apresentar um certo grau de formalidade. Encontram-se presentes em seus discursos estratégias retóricas para irritar, intrigar, emocionar e prender a atenção de sua audiência sem contar com o uso da elegância estilística. Andócides utiliza construções e expressões da língua cotidiana e se prende ao que deve ser dito, não à forma como deve ser dito (EDWARDS, 1995).

O tempo da narrativa também segue os padrões da *Retórica*. Em sua maior parte, encontra-se no tempo passado, salvo algumas dramatizações (*Rhet.* 3.16, 1417a), a convocação de testemunhas e os casos de oralidade que serão destacados e analisados a seguir.

Serão considerados três tempos verbais para fins de estudo das marcas de oralidade presentes em *Sobre os Mistérios*, o Presente, o Imperfeito e o Aoristo⁸. Esses serão considerados apenas em sua forma finita, isto é, serão excluídas as formas nominais tais como Particípios e Infinitivos no Presente e no Aoristo. Além disso, serão desconsiderados os modos Imperativo, Optativo e Subjuntivo, centralizando-se a análise no modo Indicativo. Isto ocorrerá porque, no modo Indicativo, o Aoristo expressa essencialmente o tempo passado, ao passo que, nos outros modos e em suas formas não finitas, o aoristo terá característica puramente aspectual e não

temporal. (COMRIE, 1993). Sendo assim, em suas formas verbais finitas, o Aoristo, o Imperfeito e o Presente possuem referência temporal absoluta, ao passo que as formas não finitas envolvem apenas um tempo relativo.

De forma sucinta, serão apresentados os tempos verbais no grego antigo de acordo com a gramática tradicional da língua, tomando como base o estudo sobre os modos e tempos verbais de Goodwin, 1879.

⁸ No grego antigo, o Aoristo é o tempo passado, representa um perfectivo passado de aspecto pontual, equivalente ao Pretérito Perfeito em português.

O Presente do Indicativo no grego antigo apresenta uma ação acontecendo agora, salvo exceção no discurso indireto, onde o tempo presente é relativo ao verbo principal. Se os limites da ação do presente não forem determinados, ele poderá expressar ação habitual ou repetida ou uma verdade geral. O Presente denota o contínuo da ação, sem referência à sua completude, portanto, pode também denotar uma ação tentada, por isso, possui aspecto imperfectivo. Há a possibilidade de o Presente ser utilizado com expressões que denotam passado, como *πάλαι* (há muito, algum tempo atrás), desse modo, terá o sentido de um Perfeito e Presente combinados. Por fim, o Presente pode ser utilizado na narrativa no lugar do Aoristo para tornar o evento mais vívido. Nessa ocasião, é chamado de Presente Histórico ou Narrativo.

O Aoristo do Indicativo expressa a simples ocorrência momentânea de uma ação no passado. Pode se referir a uma ação contínua se esta for vista como um único evento no passado. O Aoristo se distingue do Presente por ser mais vívido ou por se referir a uma ação como momentânea ou pontual, enquanto o presente implica duração. Por isso, o Aoristo é conhecido como o perfectivo passado. Quando utilizado com verbos que denotam estado ou condição, geralmente expressa a entrada nesse estado ou condição. Há casos em que o Aoristo pode ser

usado no lugar onde se espera o Perfeito ou o mais-que-perfeito como uma simples ação do passado. O Aoristo ainda apresenta um uso gnômico, o que significa que ele pode expressar verdades gerais e, às vezes, pode até denotar ação costumeira (quando utilizado com ᾔv).

O Imperfeito indica uma ação como se estivesse ocorrendo no passado. O Imperfeito é como se fosse um presente do passado, isto é, ele retém todas as características do Presente que não são consistentes com o passado, e é considerado aspectualmente como imperfectivo passado.

Assim, o Imperfeito pode denotar ações habituais ou repetidas em oposição ao Aoristo, que denota apenas a simples ocorrência de uma ação. O Imperfeito também pode denotar ações tentadas, prováveis, intencionadas no passado.

O Aoristo difere do Imperfeito por tratar as ações do passado como momentâneas, enquanto, no Imperfeito, essas ações são continuadas ou repetidas. Assim, o Aoristo é o tempo mais comum da narrativa, ao passo que o Imperfeito é utilizado para a descrição. O Aoristo pode até ser utilizado para descrever uma série de ações, porém elas são vistas coletivamente, como um todo, ao contrário do Imperfeito, que se refere a elas separadamente, individualmente. Assim, o Aoristo pode se referir a ações contínuas, porém vistas como um único ponto no passado.

Em relação ao aspecto, segundo Comrie, 1976, o perfectivo característico do tempo Aoristo demonstra que uma ação é vista como um todo, sem distinção entre os vários estágios que a compõe. O imperfectivo, encontrado nos tempos Presente e Imperfeito, ao contrário, volta a atenção para a constituição interna da situação. O perfectivo denota uma situação completa, com início, meio e fim e o imperfectivo indica uma ação em progresso. Assim, o perfectivo se refere a eventos e o imperfectivo, a processos.

Ao esclarecer a relação temporal e aspectual dos três tempos verbais a serem utilizados, é possível identificar a visão do orador diante dos fatos, sua percepção deles. A escolha de determinado tempo ou aspecto verbal, neste caso, ajudará a compreender por que acontecem as mudanças bruscas de tempo que compõem uma marca de oralidade nos textos de Andócides.

ANÁLISE TEXTUAL

Aristóteles na *Retórica* contrastou o estilo oral e o escrito. Havia uma distinção entre os textos escritos para serem declamados e aqueles escritos para serem lidos e essa distinção era parte do estilo, sendo eles respectivamente *ἀγωνιστική* (estilo oral) e *γραφική λέξις* (estilo escrito). O primeiro se refere às estruturas que funcionam como a narrativa oral e o segundo compõe a narrativa escrita, (*Rhet.* 3, 12, 1413b). Além disso, o filósofo destaca que cada estilo é apropriado para cada gênero de debate e para propósitos específicos, isto é, um discurso feito para ser lido pode parecer ineficiente se proclamado, da mesma forma que um discurso para ser proferido pode parecer mal executado na escrita (*Rhet.* 3, 12, 2).

O filósofo utilizou o adjetivo *ὑποκριτική* ‘o mais próprio do debate’ – em oposição ao adjetivo *ἀκριβεστάτη* ‘o mais preciso’, designado para a escrita⁹ –, que se refere à performance dramática e vívida do orador como característica do estilo agonístico. Isto implica que o estilo oral era aquele mais próximo da fala cotidiana enquanto aquele ligado à escrita se afastava um pouco desse uso da língua para tornar-se mais preciso e agradável de ser lido. Por meio dessa constatação de Aristóteles, acredita-se que os discursos escritos para serem pronunciados (deliberativo e judicial) possuem um grau de oralidade maior do que aqueles escritos para serem lidos (epidêiticos).

Partindo dessas considerações, será iniciado um estudo sobre a oralidade na escrita de Andócides, concentrando-se principalmente no uso do Presente Narrativo como típica estratégia oral. Estratégias orais são aquelas que requerem a máxima contribuição da audiência ao se referirem a informações suplementares e interpretações que dependem de elementos paralinguísticos e não-verbais em vez de elementos lexicais (TANNEN, 1983).

Marcas de oralidade são as marcas típicas da fala, da língua em sua forma individual e interativa. Um discurso falado transcrito não configura uma marca de oralidade no texto, neste caso há apenas uma troca de meio. A oralidade em um texto refere-se às escolhas comunicativas que o escritor ou falante faz em seu texto, variando entre os diferentes graus de formalidade da língua. Com relação à língua grega antiga, considerando que restaram apenas discursos no meio escrito, podem ser encontrados apenas traços ou indicações de oralidade nos textos, não evidências concretas de que realmente existiam tais categorias.

Podem ser encontradas diversas marcas de oralidade nos textos de Andócides, como observou Kingsbury, 1899. São elas: 1) Interação com a audiência, representadas pelas figuras retóricas: prosopopeia¹⁰, assíndeto¹¹ e apóstrofe¹² e os casos nos quais o orador interage diretamente com os juízes¹³; 2) Ritmo, por meio de aliterações¹⁴; 3) Repetições por meio do uso de paronomásia¹⁵, (ep)anáfora¹⁶, *poliptoton*¹⁷, antístrofe¹⁸, epanástrofe¹⁹, *κύκλος*²⁰ e figura

⁹ Definições retiradas de LIDDELL & SCOTT, 1940.

¹⁰ Introdução de pessoas ausentes como se estivessem presentes: 1. 4. 11. 49. 63. 90. 101. 116. 126. 135.

¹¹ Omissão de conectivos. Encontra-se a figura em: 1. 18. 22. 38. 40. 42. 43. 48. 119. 122. 126.

¹² Quando o orador se volta para o júri referindo-se a outra pessoa: 1. 18. 95. 99. 112. 150.

¹³ 1. 29. 37. 46. 57. 69.

¹⁴ Repetição recorrente da mesma letra no início de sucessivas palavras. Pode ser encontrada em: 1. 7. 10. 18. 19. 25.

30. 32. 33. 42. 51. 57. 59. 61. 62. 65. 67. 68. 73. 80. 89. 95. 106. 107. 111. 113. 115. 141. 144. 145. 147. 149.

¹⁵ Forma mais simples de repetição de uma palavra na qual a mesma palavra é repetida sem se levar em conta a posição que ocupa nas orações. Essa figura foi encontrada em: 1. 2. 4. 7. 12. 19. 21. 22. 24. 25. 27. 30. 32. 36. 39. 40. 42. 73. 80. 82. 86. 99. 111. 116. 127. 128. 131. 134. 138. 143.

¹⁶ Ocorre quando a palavra repetida está em primeiro lugar na oração. Foram encontradas as seguintes ocorrências: 1. 3. 18. 35. 38. 49. 50. 56. 62. 72. 74. 89. 93. 104. 105. 116. 140. 144. 147. 148.

etimológica²¹: 4) Figuras Gorgeânicas como a paronomásia²², *parison*²³ e antítese²⁴; 5) Anacolutos²⁵ e 6) Parêntesis explicativos²⁶. Além dessas figuras apontadas por Kingsbury, 1899, outras figuras apontadas no estudo de Gagarin, 1999, foram encontradas no discurso *Sobre os mistérios*, como o 7) Paralelismo²⁷ e a 9) Sinalização, empregada quando o falante deseja situar a audiência dos fatos, tornando-os mais fáceis de serem acompanhados pelos ouvintes²⁸. Esta análise contribui, ainda, com mais duas outras marcas de oralidade no texto de Andócides: 10) Estruturas paratáticas, que são construções sintáticas simples e típicas do discurso falado e 11) a autoinserção do autor, que se dá na forma explícita por meio de comentários²⁹ ou implicitamente por meio do Presente Narrativo³⁰.

¹⁷ Repetição de uma palavra com variação de caso: 1. 7. 8. 20. 27. 36. 73. 75. 82. 89. 102. 109. 110. 114. 128. 133.

136.

¹⁸ Repetição de uma palavra ao final de orações sucessivas. Encontrada em: 1, 59. 86. 90. 92. 105. 114. 120.

¹⁹ Acontece quando uma palavra que marca o final de uma oração abre a oração seguinte. Ocorre em 1. 59. 89.

²⁰ Quando a mesma palavra termina uma oração e começa a próxima sem que haja mudança de caso, pessoa, número ou tempo. É encontrada em 1, 25. 40. 81. 82. 99. 125. 136. 146.

²¹ Ocorre quando duas palavras de mesmo radical são utilizadas em conexões gramaticais. Acontece em: 1. 19. 20. 28. 30. 44. 46. 52. 59. 67. 73. 80. 88. 90. 91. 103. 107. 112. 117. 128. 144. 147.

²² Repetição de uma palavra que é entendida de formas diferentes nos dois casos de ocorrência, como se fosse um trocadilho. Essas estão presentes em: 1. 24. 61. 65. 81. 100. 107. 115. 124. 127. 131. 138. 147.

²³ Essa figura ocorre quando as cola são iguais na duração. Pode ser vista em: 1, 30. 31. 45. 64. 71. 105. 139.

²⁴ Aparecem em: 1, 18. 30. 52. 57. 59. 63. 64. 71. 86. 93. 103. 139. 144. 145.

É a troca repentina de um assunto para outro sem que se conclua o pensamento anterior. Essas podem ser encontradas em: 1. 4. 16. 27. 29. 57. 88. 9.

²⁶ Observa-se em: 1. 15. 16. 18. 25. 27. 41. 45. 47. 48. 53. 54. 56. 57. 58. 60. 62. 65. 66. 75. 88. 90. 95. 99. 100. 111. 113. 117. 124. 127. 132. 138. 142. 144. 149.

²⁷ Para mais informações sobre o tópico, ver GAGARIN, 1999.

²⁸ Ocorre em: 1. 1. 2. 8. 10. 14. 15. 16. 17. 19. 24. 25. 26. 27. 31. 34. 39. 43. 46. 47. 70. 74. 105. 113.

²⁹ 1. 4. 6. 9. 19. 20. 23. 24. 29. 30. 32. 33. 51-60. 68. 72. 89. 99. 101. 102. 106. 113. 114. 129. 130. 133. 139. 140. 141. 144. 145. 148-150.

³⁰ 1. 15. 17. 21. 27. 30. 34. 37. 43. 48. 62. 65. 71. 112. 115. 121. 127. 130.

O PRESENTE NARRATIVO EM ANDÓCIDES

O Presente histórico no grego antigo ocorre preferencialmente na narrativa, no relato de eventos passados que são predominantemente narrados no Imperfeito ou no Aoristo do Indicativo. Por essência, o Aoristo apresenta os principais eventos da história, enquanto o Imperfeito descreve informações secundárias, como as circunstâncias nas quais ocorrem os eventos. O curso desses eventos passados pode ser interrompido por um Presente do Indicativo, conhecido como Presente Histórico ou Narrativo (RIKSBARON, 2011).

O Presente Narrativo entra em conflito com seu valor fundamental de Presente do

indicativo, pois este não pode indicar ações passadas. O uso específico desse presente traz determinados resultados e efeitos. Em alguns casos, a noção de presente representa um pseudopresente ou um pseudomomento de enunciação onde o narrador se torna uma testemunha ocular (RIJKSBARON, 2002). Segue um exemplo do que é presente histórico no grego antigo retirado do discurso *Sobre os mistérios* de Andócides:

[1.112] καὶ παρῆμεν κατὰ τὰ προειρημένα. καὶ ἡ βουλὴ ἐπειδὴ ἦν πλήρης, ἀναστὰς Καλλίας ὁ Ἰππονίκου τὴν σκευὴν ἔχων λέγει ὅτι ἰκετηρία κεῖται ἐπὶ τοῦ βωμοῦ, καὶ ἔδειξεν αὐτοῖς.

E chegávamos conforme as solicitações anteriores. E depois que o conselho estava cheio, tendo se levantado o Cálías (filho) do Hipônico, em suas véstias, diz que reside um ramo de oliveira no altar, e mostrou a eles. (And. 1. 112).

Nota-se que após uma sequência de verbos no Imperfeito do Indicativo, as ações cruciais estão expressas no Presente Narrativo. Para Rijksbaron, 2002³¹, o uso do tempo presente como apresentado anteriormente pode estar associado à tentativa de criar um efeito de testemunha por parte do autor, já que ele testemunhou os eventos os quais ele reporta. Em narrativas históricas como as de Heródoto ou Tucídides, o efeito é de uma pseudotestemunha, pois o narrador se porta como ‘repórter no local’.

Após algumas análises, constatou-se que, nos casos em que Andócides utiliza o Presente fora de contexto, acontece uma presentificação dos eventos passados para mostrar que eles têm uma ressonância no presente que pesa mais que o passado da ação. Assim, ao utilizar o Presente Narrativo, o presente é amplificado e visto como uma continuidade lógica ou psicológica do passado (FIORIN, 1996).

No próêmio, que compreende os capítulos de 1 a 10, não foi encontrado caso algum de Presente Narrativo, pois o próêmio não faz parte ainda da narrativa. Como dito anteriormente, essa parte serve para situar a audiência e definir a sequência em que os fatos serão apresentados. Assim, os tempos verbais mais comuns do próêmio são o Futuro e modo Imperativo. Do mesmo modo, no epílogo, que compreende os capítulos 140 a 150, também não houve ocorrência. Esses

casos foram encontrados na parte que Aristóteles descreve como narrativa do discurso judicial, onde é mais provável que ocorram as marcas de oralidade, já que as duas partes citadas anteriormente possuem estrutura mais rígida, ao contrário da narrativa, onde o orador pode improvisar, inserir comentários, opiniões e até mesmo mudar o foco do tema. Os 90 capítulos seguintes ao proêmio, que compreendem a argumentação do orador, na qual ele reconstitui os fatos do passado e formula sua defesa, apresentaram uma ocorrência considerável de Presente Narrativo. Seguem alguns exemplos do caso estudado:

1. [34] *περὶ δὲ τῶν ἀναθημάτων τῆς περικοπῆς καὶ τῆς μηνύσεως, ὥσπερ καὶ ὑπεσχόμεν ὑμῖν, οὕτω καὶ ποιήσω· ἐξ ἀρχῆς γὰρ ὑμᾶς διδάξω ἅπαντα τὰ γεγενημένα. ἐπειδὴ Τεῦκρος ἦλθε Μεγαρόθεν, ἄδειαν εὐρόμενος, μηνύει περὶ τε τῶν μυστηρίων ἃ ἤδει καὶ ἐκ τῶν περικοψάντων τὰ ἀναθήματα, ἀπογράφει δυοῖν δέοντας εἴκοσιν ἄνδρας. ἐπειδὴ δὲ οὗτοι ἀπεγράφησαν, οἱ μὲν αὐτῶν φεύγοντες ὄχοντο, οἱ δὲ συλληφθέντες ἀπέθανον κατὰ τὴν Τεύκρου μήνυσιν. καὶ μοι ἀνάγνωθι αὐτῶν τὰ ὀνόματα.*

E acerca da mutilação das estátuas e da informação, como tanto apresentei a vós, como desse modo farei: pois desde o início explicarei a vós todos os acontecimentos. **Depois** que Teucro veio de Mégara, tendo obtido anistia, informa acerca dos mistérios dos quais já sabia e das estátuas mutiladas, (e) denuncia dezoito (vinte faltando dois) homens. Depois que esses foram denunciados, uns estavam aflitos fugindo das acusações, outros, ao serem presos, morreram, conforme a informação de Teucro. Torne conhecidos os nomes deles a mim. (And. 1. 34).

³¹ A primeira edição de seu livro foi publicada em 1987.

2. *ἐξελέγχοντες δὲ τὸ πρᾶγμα ἢ τε βουλή καὶ οἱ ζητηταί, ἐπειδὴ ἦν ἢ ἐγὼ ἔλεγον καὶ ὁμολογεῖτο πανταχόθεν, **τότε δὴ** καλοῦσι τὸν Διοκλείδην: καὶ οὐ πολλῶν λόγων ἐδέησεν, ἀλλ' εὐθὺς ὁμολόγει ψεύδεσθαι, καὶ ἐδεῖτο σφῆζεσθαι φράσας τοὺς πείσαντας αὐτὸν λέγειν ταῦτα: εἶναι δὲ Ἀλκιβιάδην τὸν Φηγούσιον καὶ Ἀμίαντον τὸν ἐξ Αἰγίνης.*

O conselho e os comissários de inquérito ao investigarem o acontecimento, **depois** concordava(m) de todos os modos que era como eu dizia, **então** convocam o Dioclídes: e

(ele) não precisou de muitas palavras, mas prontamente concordava ter mentido, e necessitava salvar-se tendo indicado os que o persuadiram a falar estas coisas serem o Alcibíades o Fegos e Amianto de Egina. (And. 1. 65).

3. [62] αἰσθόμενος δ' Εὐφίλητος ὡς ἔχοιμι, λέγει πρὸς αὐτοὺς ὅτι πέπεισμαι ταῦτα συμποιεῖν καὶ ὁμολόγηκα αὐτῷ μεθέξειν τοῦ ἔργου καὶ περικόψειν τὸν Ἑρμῆν τὸν παρὰ τὸ Φορβαντεῖον. ταῦτα δ' ἔλεγεν ἑξαπατῶν ἐκείνους· καὶ διὰ ταῦτα ὁ Ἑρμῆς ὃν ὁρᾶτε πάντες, ὁ παρὰ τὴν πατρῴαν οἰκίαν τὴν ἡμετέραν, ὃν ἡ Αἰγῆς ἀνέθηκεν, οὐ περιεκόπη μόνος τῶν Ἑρμῶν τῶν Ἀθήνησιν, ὡς ἐμοῦ τοῦτο ποιήσοντος, ὡς ἔφη πρὸς αὐτοὺς Εὐφίλητος.

E Eufileto tendo percebido como eu me encontrava, diz para eles que eu já fui persuadido a ajudar a fazer essas coisas e já tinha concordado com ele em participar na ação e em mutilar o Hermes aquele perto de Forbas. E dizia estas coisas enganando aqueles: e, por causa destas coisas, o Hermes que todos vêem, aquele perto da casa dos nossos ancestrais, o qual foi dedicado a Agírios, o único dos Hermes atenienses não mutilado, como eu que havia de fazer isso, como disse para eles o Eufileto. (And. 1. 62).

O Presente Narrativo em Andócides é encontrado tipicamente em orações adverbiais temporais iniciadas pela conjunção *ἐπειδὴ* (depois, depois que/quando). Essa conjunção introduz a oração dependente e ocorre geralmente anteposta à oração principal com uma pausa entre elas e em alguns casos acompanhado de partículas como *καῖπειτα* (em seguida, depois) e *τότε δὴ* (então) que da mesma forma contribuem para a relação de tempo dentro das sentenças. Além desses, advérbios temporais como *τότε* (nesse/naquele momento) e *τοῖνον* (agora) também desempenham esse mesmo papel. O uso desses advérbios relaciona temporalmente o evento e a enunciação. Nos outros casos em

que ocorre, o Presente Narrativo é seguido por conjunções que marcam contrastes como *μέν...δὲ* (por um lado...por outro...) ou enfáticas como *δὴ* (realmente), *καὶ...καὶ* (e...também), *καὶ* (então) em frases imperativas, *καὶ...μέν* (e certamente) e *δὲ... καὶ* (mas).

Dadas as circunstâncias nas quais o Presente Narrativo ocorre em *Sobre os mistérios*, é de extrema relevância tratar do significado que o uso desse tempo constrói na narrativa. Como dito anteriormente, o que ocorre nessas orações é uma presentificação do momento da enunciação motivada pela tentativa do orador de chamar a atenção de seu público para um fato isolado que ocorreu no passado, mas que ainda possui grande importância no momento presente.

Por meio do uso do tempo em questão, o orador cria uma falsa concomitância entre o tempo da narração e o tempo dos acontecimentos narrados. Essa pseudocorrespondência entre os dois tempos é considerada uma forma de autoinserção do narrador, bem como uma forma de interação com os ouvintes, muito mais proeminente do que o que ocorre em estratégias escritas, razão pela qual cabe aqui falar em estratégia oral, e, portanto, marca de oralidade.

³¹ A primeira edição de seu livro foi publicada em 1987.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se que *Sobre os Mistérios* não foi um discurso feito por um logógrafo ou mesmo por um *rhetor*, porém, na tentativa de proteger-se das acusações que o levaram a julgamento, Andócides formula uma defesa repleta de estratégias retóricas e alcança seu objetivo ao final, quando consegue ser readmitido como cidadão de Atenas.

O histórico de Andócides denuncia a oralidade em seus textos. O fato de não ter tido uma educação formal em retórica e por falar em público poucas vezes, apenas quando necessário, revela a língua de uma maneira mais próxima do estilo cotidiano da época. Isto pode ser constatado por meio de seu estilo com orações truncadas e repetitivas, anacolutos e o uso do

presente narrativo, uma marca de oralidade ainda hoje recorrente na fala e na escrita.

Viu-se que, ao optar pelo uso do Presente Narrativo, uma estratégia oral, ocorre a anulação da distância entre enunciação e enunciado, causando a sensação de como se Andócides estivesse revivendo aquele momento durante o pronunciamento do discurso.

ORALITY IN ANDOCIDES: A CASE STUDY ON THE NARRATIVE PRESENT

Abstract: Andocides was a political orator of the fifth century BC who delivered only a few speeches before the Athenian assembly, and the lack of a formal education in rhetoric gave him a bad reputation as an orator among the ancients. Currently, however, his prose is considered of great value because his speeches portray the Greek language with the fluency of this period. Considering his background and the social context of literacy of which he was part, this paper examines the use of the Narrative Present in his speech *On the Mysteries*. This work aims to explain by means of semantic theories of discourse why the use of this tense can be considered a trace of orality in written speech. The recurrence of this particular tense shows that the signs of orality in Andocides' speech are a form of the author's self-insertion in the narrative in order to draw the audience's attention to isolated facts. From a linguistic perspective, the use of the Narrative Present can be associated with the speeches that were written to be delivered, taking into account the distinction between the style of the speeches written to be read (*γραφική λέξις*), as epideictic rhetoric, and speeches written to be delivered before a court or assembly (*ἀγωνιστική λέξις*), characteristic of forensic and deliberative genres stated by Aristotle.

Keywords: rhetoric; Narrative Present; semantic theories of discourse; written style; oral style.

REFERÊNCIAS

ARISTOTLE; KENNEDY, George A. **On Rhetoric:** A Theory of Civic Discourse. 2nd ed. New York: Oxford University Press, 2007. 337 p.

COMRIE, Bernard. **Aspect:** An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems. Cambridge University Press, 1976, 156 p.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

GARGARIN, M. **The orality of Greek oratory**. In Signs of orality: The oral tradition and its influence in the Greek and Roman world. Leiden, Boston, Koln: Brill, 1999.

Goodwin, William W. **Syntax of the Moods and Tenses of the Greek Verb**. Boston: Ginn and Heath, 1879.

JONES, Peter V. (Org.). **O mundo de Atenas**: uma introdução à cultura clássica ateniense. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 389 p.

KINGSBURY, S. S. **A rhetorical study of the style of Andocides**. Murphy Co., 1899.

LALLOT, J., RIJKSBARON, A., JACQUINOD, B. and BUIJS EDS, M. **The Historical Present in Thucydides**: Semantics and Narrative Function (Amsterdam Studies in Classical Philology 18). Leiden and Boston: Brill, 2011.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. **A Greek-English Lexicon**. Oxford. Clarendon Press. 1940.

M.J. Edwards, **Greek Orators IV Andocides**. Warminster: Aris and Phillips, 1995.

MAIDMENT, K. J. **Minor Attic Orators I**: Antiphon, Andocides. Harvard University Press, 1960.

RIJKSBARON, Albert. **The syntax and semantics of the verb in classical Greek**: an introduction. 3. ed. Amsterdam: J.c. Gieben, 2002.

TANNEN, Deborah. **Oral and Literate Strategies in Spoken and Written Discourse**. In: Literacy for life: The demand for reading and writing. Nova York: The Modern Language Association, 1983.